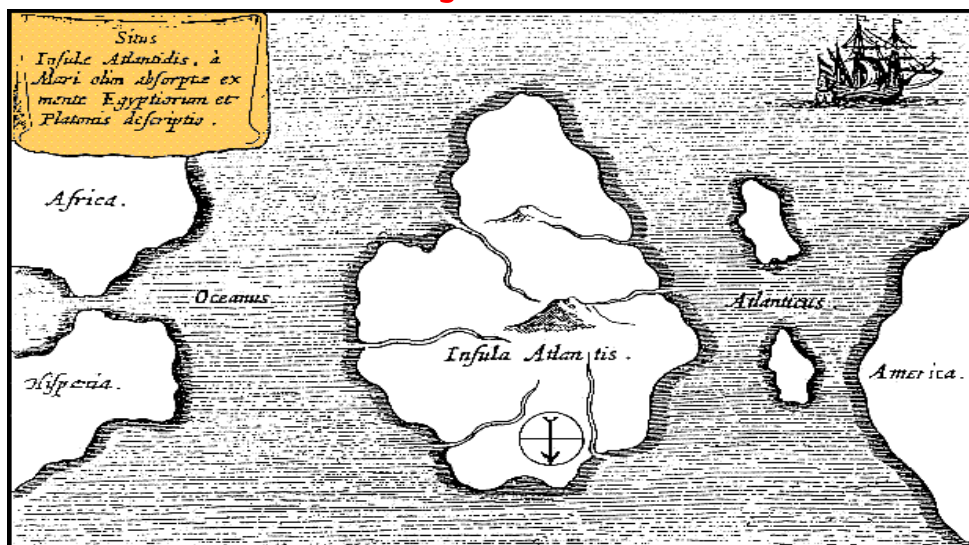


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO # 22 - edição dezembro 2013

DEDICADO A MANUEL POLICARPO

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número

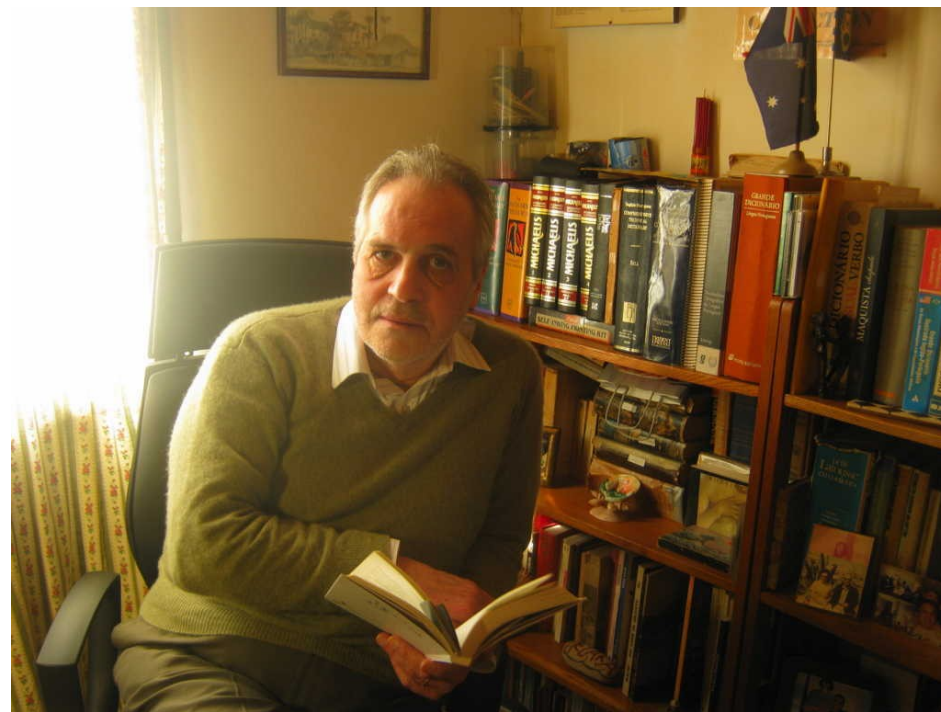
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA -
revisto outubro de 18

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve "AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)"**. A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, servirem

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, conspícua com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,

- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro **“CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o **“Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”**, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE** com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Aqui se publicaram autores contemporâneos presentes nos colóquios: **Onésimo T. Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt, Norberto Ávila, Álamo de Oliveira e Eduardo Bettencourt Pinto**, além de nomes incontornáveis como, **Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Victor Rui Dorés, José Martins Garcia, Joana Félix, Zé Nuno da Câmara Pereira e hoje MANUEL POLICARPO (artista plástico)**.



² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino



Manuel Policarpo

Manuel Policarpo é oriundo da ilha do Pico. Com rápida passagem pela Terceira, desde há muito que vai calcorreando o mundo. Contudo, quando lhe perguntam onde nasceu, responde, mitificando:

*nasci numa ilha
por cima do mundo.*

Alardeia que é circunstância do tempo e dos espaços e que apenas caminha por onde o levam seus próprios passos. Mas reclama a sua condição de intelectual europeu e, por

isso, mantém uma altiva distância por tudo o que é localista, regionalista, nacionalista, com pavor por toda a manifestação chauvinista.

Vagamundeou o planeta – a Europa, antes de mais, onde descobre a latinidade e o romanismo como essência do aprendizado; as áfrias, de que não detém nem ao menos os cheiros; as américas que o deslumbram de Norte a Sul; as árias que o inebriam, mas que lhe deixam, apenas, fugazes miradas que, a custo, guarda na memória. Reconhece, no entanto, ser ilhéu do Atlântico, reivindicando a ancestralidade de povoador primeiro dos Açores, reproduzindo, sobretudo, por mor de um tal capitão Thomé Gregório Ramalho, fecundador insaciável da Prainha do Norte, e de um tal João Salinas, escravo dos religiosos de São Francisco de Angra, putativo pai de uma pequena que vem a casar com Manuel de Barcelos, do melhor semental do Ramo Grande da Terceira: escravo e senhor, assim organiza o seu código genético.

Aprendeu as capacidades expressivas da cor, primeiramente com a mãe, artista do efêmero, artífice de flores de açúcar, hábil manuseadora dos corantes for cooking effects (special effects...), que deslumbravam a burguesia angrense. Aliás, em entrevista a um diário português entretanto desaparecido, em 1978, considera que a gastronomia é a mais próxima arte da pintura. Mas também aprendeu as pinceladas infantis com velhas tias, que matavam as tardes húmidas esticando telas, bordando panos, repetindo mortas naturezas, moribundas cenas de caça, ingenuas representações etnográficas.

Depois, partiu, sem bilhete de retorno, à descoberta de sítios, paisagens, museus, mausoléus, poetas, escultores, pintores, gente, cidades com gente dentro, campos infindos com alma pressentida. Correu o Vale de Santarém, Ceca, Meca, a Casa do Diabo, o Cu de Judas, a Canada do Briado... Nunca tirou fotografias, com a presunção de que as pupilas dos olhos estabeleceriam free connection com os infundáveis rams da memória, e que guardaria no disco duro os motivos essenciais do que queria figurar. Enganou-se: reconhece, hoje, que muito jeito lhe daria uma oficina que procedesse a um upgrade no disco duro da moleirinha.

Nunca vendeu um quadro, vejam bem.

Afirma, no entanto, ter olhos de cartógrafo, mãos impulsivas, índole de gravador. Experimenta, experimenta sempre, nunca estabelecendo, a priori, a técnica que vai utilizar. Deslumbra-se com o exótico, e vai inscrevendo mapas, rotas, mitos, símbolos.... crendo, assim simular, em síntese, o que viu em vasos gregos, em paper-rocks indo-americanos, nos flamengos predilectos, nos impressionistas afeiçoados, nos contemporâneos ousados. Confuso, portanto.

Por isso dele dizem: é um poseur! – alça a sobancelha esquerda por detrás das lentes do estigmatismo com desdenhoso trejeito perante a mediocridade e, tão só porque peregrinou as sete partidas e já tem cãs sobejas e aprendizagens múltiplas, nem sequer reage aos que o sussurram como diletante, cultivando uma ironia que, por vezes, roça o sarcasmo impiedoso.

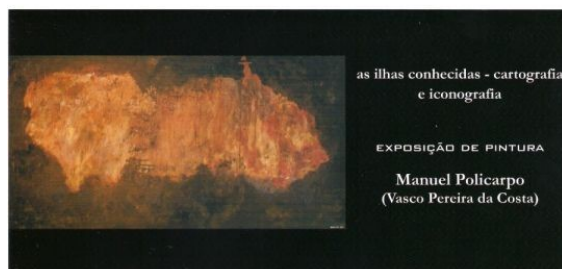
- 'Tou-me maribando! – proclama do pico do Pico da sua altivez senhoril, do cume da sua libertada escravidão, do topo da sabedoria que lhe concedeu o passado.

Nunca vendeu um quadro, mas tem uma invejada coleção de arte, que foi construindo através de trocas com pintores conhecidos e ignorados – desde o Camboja, Rajastão, franças e aragansas, quase todas as presque-îles. E, assim, as suas obras estão dependuradas nos muros dos quintos do mundo.

Afirmam os amigos mais íntimos que do que gosta, mesmo é da blague. E ninguém, como ele, de um modo muito vencidista-esquerdelhista, conforme à sua feição de incorrigível vieux soixante-buitard, négligé soigné, cultiva a amizade seletiva, libertária, boémia e transgressora.

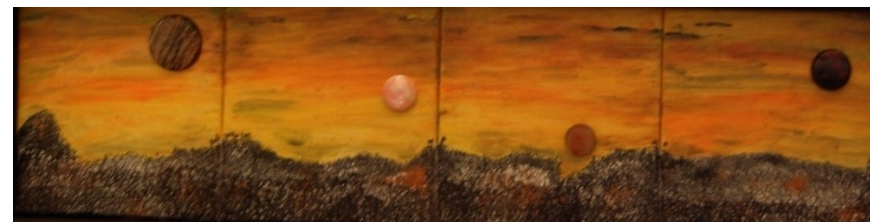
Donde, custa a entender por que, finalmente, resolve mostrar, em exibição, o que tem feito. Por mim, que o conheço há perto de sessenta anos, creio que é por amor às suas Ilíadas (ao Pico e à Terceira de afeições terrunhas, primacialmente) e também por vínculos de fraternidade a Dimas Simas Lopes, condiscípulo, utópico como ele que resolve sustentar uma galeria no não-lugar, cartografado no Terreiro do Galhardo, Ladeira Branca, freguesia da Feteira, ilha Terceira, Açores, omphalós, do planeta.

Vasco Pereira da Costa



© Direitos Reservados







Vasco Pereira da Costa n. Angra do Heroísmo, 1948
 Licenciado em Filologia Românica (Fac. Letras, Univ. Coimbra),
 DOCTOR HONORIS CAUSA NA UNIVERSIDADE DE SÃO JOSÉ, MACAU, 2011
 Professor aposentado do ensino secundário e do ensino superior
 Dir. do Dep. De Cultura, Turismo e Espaços Verdes (C.M. Coimbra – 1991-2001)
 Dir. Regional da Cultura (VIII e IX Governos dos Açores)

Cônsul Honorário de França em Coimbra (1997-2001)
 Escritor residente do Simpósio da Herança Atlântica (Tulare, Cal. E.U.A.)
 Escritor convidado dos Colóquios da Lusofonia (2010-2011)
 Membro do Conselho Diretivo da Fundação Luso-americana
 Autor de obras de ficção narrativa (Prémios Miguel Torga e Aquilino Ribeiro) e de poesia
 Como pintor, usa, também, o pseudónimo de Manuel Policarpo (Exposições em várias ilhas dos Açores e nos E.U.A.)
 As suas mais recentes Exposições de Pintura ocorreram em 12 de junho de 2009, no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico, depois na Ilha Terceira e em outubro 2009 e em fevereiro de 2010, nas Portas do Mar em Ponta Delgada. Intitulavam-se **As Ilhas Conhecidas - Cartografia e Iconografia**. Pintura crítica do Espírito Santo...a estas seguiu-se em fevereiro de 2010, nas Portas do Mar em Ponta Delgada, a exposição
 Já expôs também em Tulare (Califórnia EUA) e na galeria Minerva, em Coimbra. Em outubro 2012 esteve na Biblioteca Municipal de Condeixa
 Nesse mesmo mês foi objeto de uma mostra no auditório municipal de Ourense (Galiza) integrado no 18º colóquio da lusofonia.
 Como referiu Isabel de Carvalho Garcia na exposição "Sobreposições" em outubro 2011, na galeria da Livraria Minerva em Coimbra:

"VPC cuja mostra apresenta (trinta) quadros e a técnica varia entre o óleo s/tela, a técnica mista s/tela e técnica mista s/tela e madeira, impõe-se com perfeito domínio dos materiais e cores que utiliza..."

Vasco Pereira da Costa que todos conhecíamos já como um ilustre vulto da nossa literatura como escritor e poeta, surge agora como pintor...

Uma revelação pela positiva, deste notável Açoriano que engrandece o meio artístico e cultural português."

Exposição de Pintura de Manuel Policarpo - As Ilhas Conhecidas no Pavilhão do Mar fotos Pedro Raposo

- **As Ilhas Conhecidas_40**
- **Autor: Pedro Raposo**



- **As Ilhas Conhecidas_39**
- Autor: Pedro Raposo



- **As Ilhas Conhecidas_38**
- Autor: Pedro Raposo



- **As Ilhas Conhecidas_37**
- Autor: Pedro Raposo



-
- **As Ilhas Conhecidas_36**
- Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_35
Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_34
Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_33
Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_32

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_30

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_31

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_29

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_28

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_26

Autor: Pedro Raposo



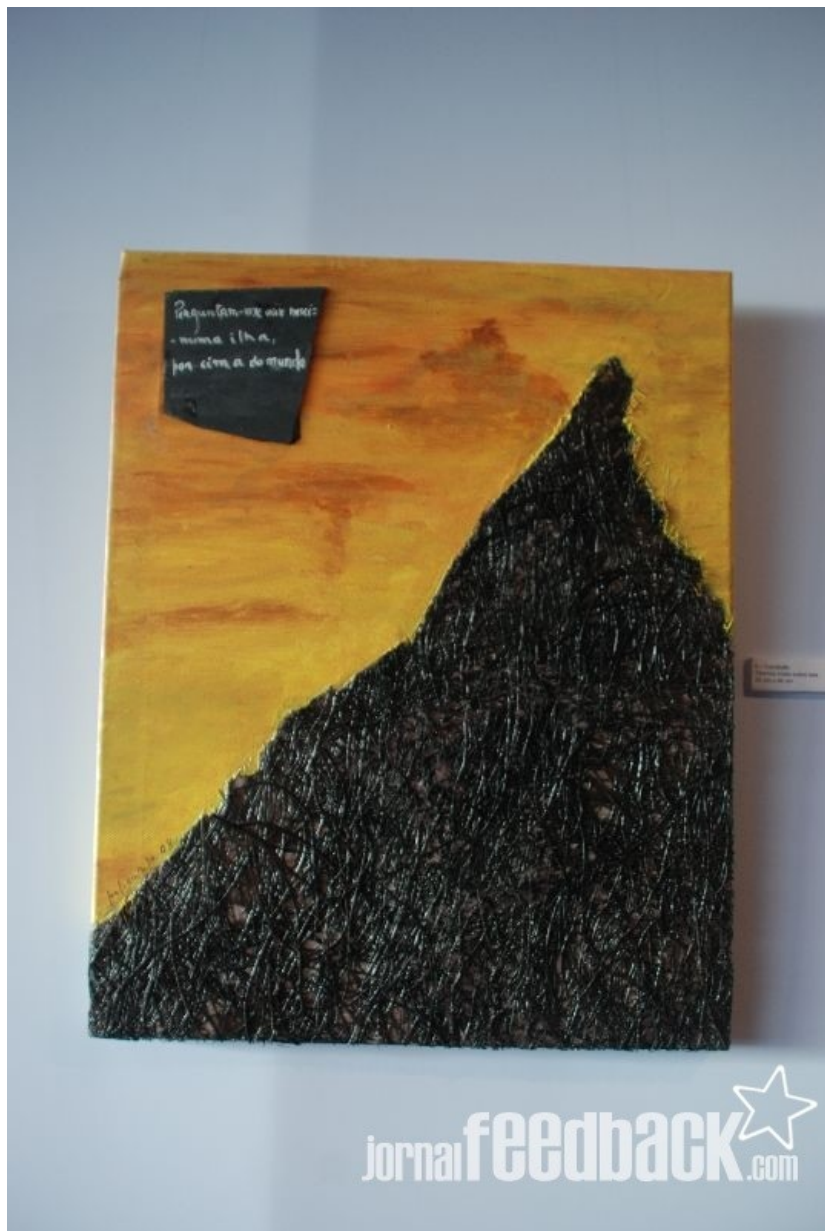
As Ilhas Conhecidas_25

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_24

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_23
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_22
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_21
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_20
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_19

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_18

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_17

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_16

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_15

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_14

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_13

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_12

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_11

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_10

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_9

Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_8
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_7
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_6
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_5
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_4
 Autor: Pedro Raposo





As Ilhas Conhecidas_3
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_2
 Autor: Pedro Raposo



As Ilhas Conhecidas_1
 Autor: Pedro Raposo



Minerva Coimbra 24 setembro 2011

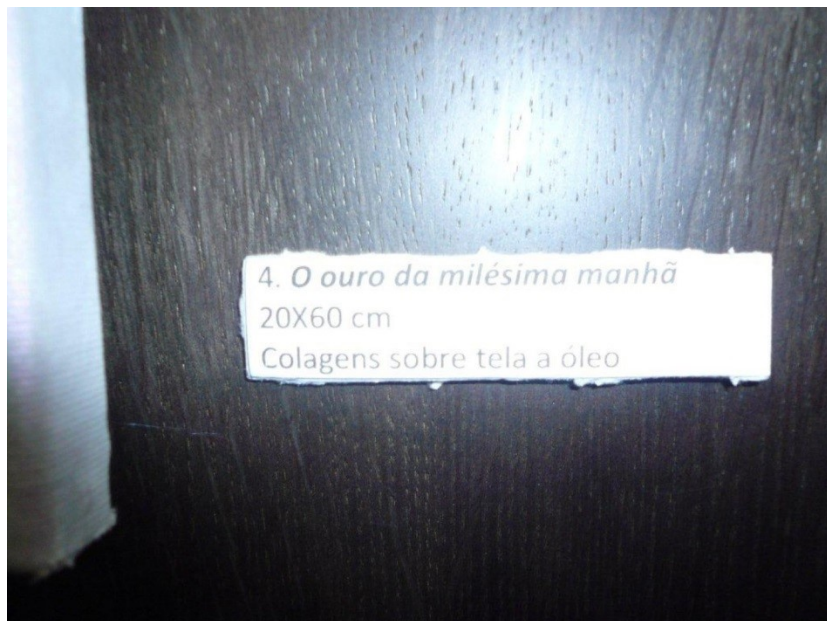


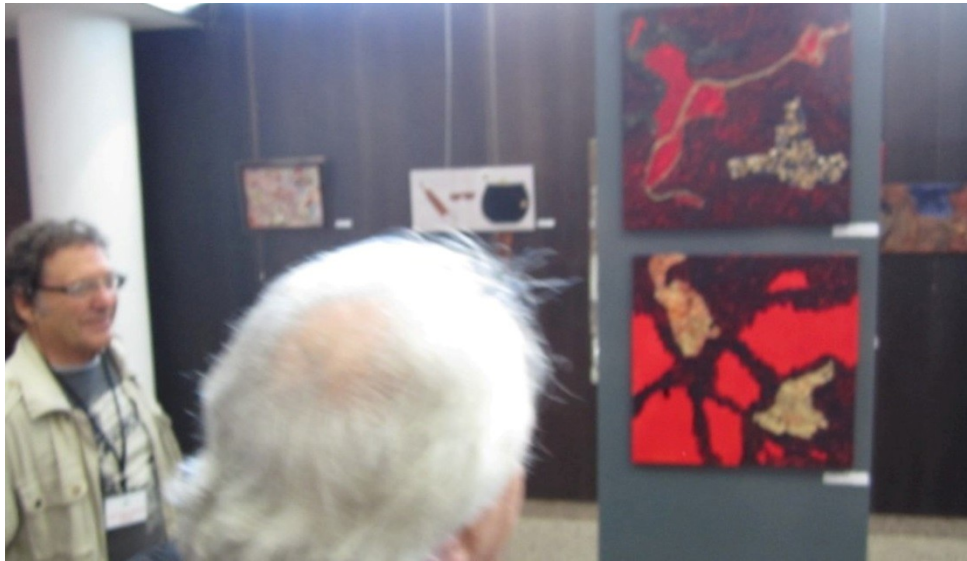


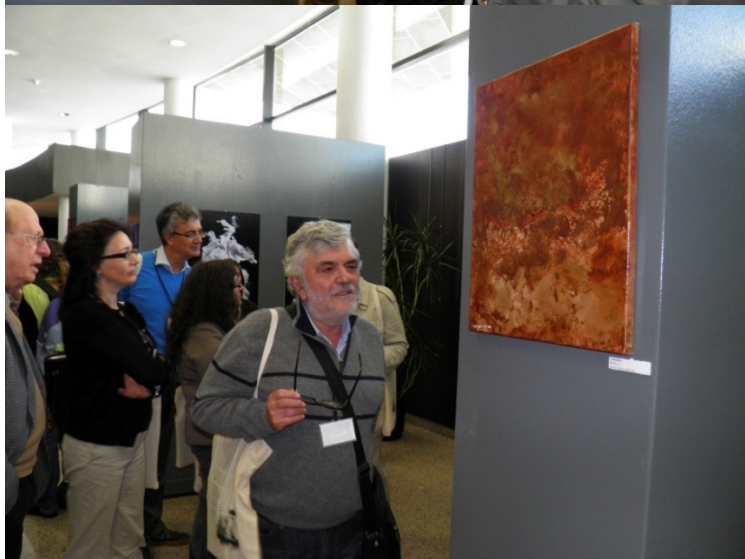












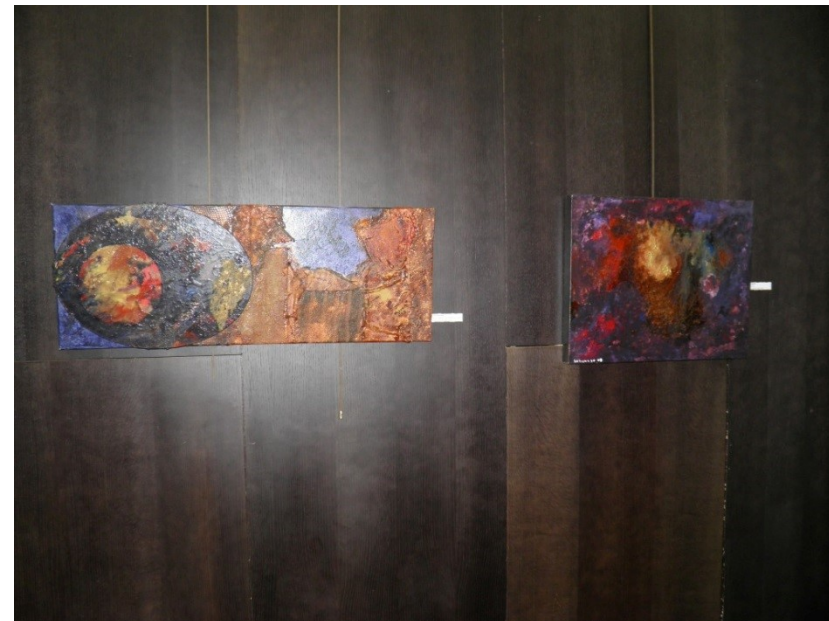
VÍDEO HOMENAGEM

SUPLEMENTO DOS CADERNOS AÇORIANOS

os colóquios da lusofonia (Bragança 2010) trabalharam o poema Boeing 747 que foi traduzido em 15 línguas...leia aqui

ouça em búlgaro

ouça em russo

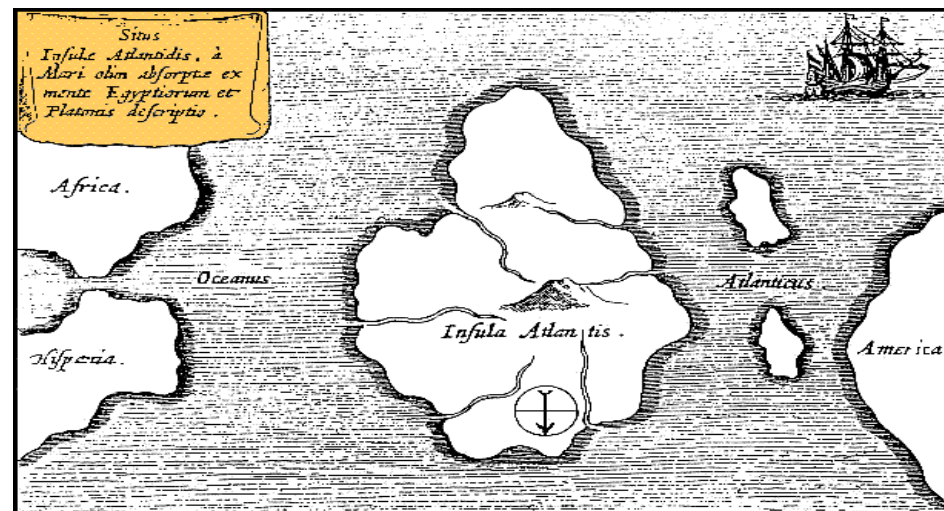




CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 22 - edição dezembro 2013

MANUEL POLICARPO



Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

(CHRYSTELLO EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

©™

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL,